

A CIDADE, A CRIANÇA E O LIMITE GEOGRÁFICO PARA OS JOGOS/BRINCADEIRAS¹

Recebido em: 01/11/2008

Aceito em: 18/11/2008

Junior Vagner Pereira da Silva²

Paulo Ricardo Martins Nunes³

Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – UNIDERP
Campo Grande - MS - Brasil

RESUMO: A rua por muito tempo foi palco do jogo infantil. Nesses locais as crianças corriam, brincavam, jogavam e construíam sua própria cultura: *A Cultura da Criança*. Todavia, diversas mudanças ocorridas nas últimas décadas têm limitado as possibilidades de encontro, reuniões e jogos no contexto infantil. Dessa forma, este estudo teve como objetivo analisar o limite geográfico permitido pelos pais para o jogo/brincar de seus filhos. A amostra foi composta por 169 escolares de 9 a 12 anos, matriculados em uma escola da rede pública municipal de Campo Grande – MS, localizada na região central. Os resultados mostram que a maioria dos escolares avaliados tem seus jogos e brincadeiras limitadas ao espaço da casa e do quintal (38,46%). Conclui-se que parte das crianças avaliadas acaba sendo impedida de vivenciar o jogo em contextos amplos como praças, campos, parques, entre outros, pois tem suas ações limitadas ao espaço residencial.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Espaço. Infância.

THE CITY, THE CHILD AND THE GEOGRAPHIC BORDER TO GAMES/CHILDREN'S PLAYS

ABSTRACT: For a long time, the street was the scenery of childhood games, where children used to run, have their children's plays, play games and build their own culture: *The Child Culture*. However, the several changes that have happened during the last decades have been limiting those possibilities of meetings, gatherings and games on the

¹ Jogo, brincadeira e brincar são entendidos como sinônimos, representando um momento privilegiado para que o lazer ocorra, seja no gênero prático ou contemplativo.

² Professor do Curso de Educação Física na Universidade para o Desenvolvimento do Estado e Região do Pantanal – UNIDERP/ANHANGUERA; Líder do Laboratório de Pesquisas em Educação Física, Rendimento Humano e Saúde/LAPERHS e Membro pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia do Movimento - NUPEM/UNIMEP.

³ Coordenador do Curso de Educação Física na Universidade para o Desenvolvimento do Estado e Região do Pantanal – UNIDERP/ANHANGUERA; Pesquisador do Laboratório de Pesquisas em Educação Física, Rendimento Humano e Saúde/LAPERHS.

childhood reality. So, this study had as its aim to analyze the geographical frontier that parents allow their children play. The sample was made of 169 scholars aged from 9 to 12, enrolled on a city public school in Campo Grande – MS, placed downtown. The results show that the majority of the scholars have their games and plays limited to their home or yard (38,46%). It could be concluded that part of the evaluated children are prohibited to experience games on bigger places as squares, fields, parks, among others, as they have their actions limited to their home place.

KEY-WORDS: Leisure. Space. Childhood.

INTRODUÇÃO

As crianças gostam de aplicar todo o tempo de que dispõem em atividades nas quais possam se movimentar com liberdade - pular, correr, gesticular, falar, gritar -, sem se preocupar com limites (ANDRADE, 2001); sendo o jogar e o brincar, formas comuns desse comportamento na infância (CARLOS NETO, 2001).

Não é difícil notar nas crianças, nos momentos que lhes permitem maior liberdade de ação - como nos recreios escolares, por exemplo -, o grande ímpeto que essas têm em se movimentar, pois corridas, saltos, empurrões, agarrões, entre outros, são freqüentes.

Tão freqüente quanto o ímpeto a se movimentarem é a alegria que isso lhes proporciona, pois os gritos, o sorriso maroto e mesmo a alegria ocasionada por esses momentos ficam expressos em suas faces. Até mesmo em locais tidos como “moralmente mais sérios” – a sala de aula, por exemplo –, a necessidade humana de se movimentar é verificada, visto que não são poucos os pequenos que acabam se valendo de artifícios como apontar lápis, tomar água, ir ao banheiro, entre outros, para se verem livres da angustiante restrição motora de ficarem sentados por longos períodos.

Assim, as crianças demonstram, com frequência, uma sistemática necessidade de atividades físicas, seja no cotidiano informal ou formal. É neste sentido que as atividades lúdicas associadas às atividades motoras permitem às crianças uma relativa e confortável capacidade de adaptação ao longo da vida, em desafios de envolvimento físico e social (CARLOS NETO, 2001).

Embora a vivência do lúdico e do jogo na infância seja de suma importância para o desenvolvimento infantil, assim como é visível o interesse da criança por essas atividades, para sua efetivação torna-se necessário que espaços adequados, tais como ruas, praças, parques, áreas verdes e outros, existam, assim como os acessos a eles sejam possibilitados, porque é por intermédio desses espaços que essas crianças têm oportunidade de experimentar uma variedade de movimentos, ajustando-se, com isso, às suas verdadeiras necessidades.

Neste sentido, nas últimas décadas, a estrutura observada na sociedade contemporânea não tem sido das mais favoráveis. Conforme observam Ferreira Neto (2001) e De Gáspari e Schwartz (2002), dentre outros, a urbanização e o desenvolvimento pós-industrial trouxeram grandes prejuízos ao contexto infantil, uma vez que locais como as ruas, que antes eram habitadas pelo jogo infantil, passaram a ser ocupados exclusivamente por veículos automotores.

Por sua vez os grandes espaços livres das zonas rurais foram progressivamente trocados pelo escasso espaço urbano, desencadeando um elevado crescimento em direção aos grandes centros, afetando, por conseguinte, a criação e a disponibilização de

locais públicos para a vivência do lazer⁴. Por outro lado, os pequenos espaços existentes em volta das casas (quintais) foram pouco a pouco extintos em razão da valorização dos terrenos. Os passeios aos poucos locais públicos existentes foram cada vez mais reduzidos em razão dos altos índices de violência, trazendo, com isso, grandes implicações à ocupação do tempo infantil.

Diante do crescimento acelerado e imediatista das cidades, cada vez menos locais para os folguedos infantis, para o futebol de várzea ou de ponto de encontro são disponibilizados (MARCELLINO, BARBOSA e MARIANO, 2006), fazendo com que a maior parte do tempo disponível das pessoas seja usufruído nos próprios locais de moradia, colocando a televisão, devido ao seu baixo custo, como o principal meio de lazer e criando, a partir disso, um público a ela cativo (SANTOS et al. 2001; MARCELLINO, 2002).

Embora a ocupação do tempo disponível como assistir à televisão seja uma possibilidade e tenha o seu valor, há de se considerar que esse tipo de lazer é favorável ao individualismo, diminuindo as possibilidades de vivência social (RODRIGUES, 2002).

Diante das barreiras espaciais e sociais que limitam as possibilidades de criação e vivência da infância, principalmente as relacionadas ao jogo, a presente investigação buscou analisar o limite geográfico determinado pelos pais ao brincar dos filhos.

⁴ Entendido com a cultura – compreendido no seu sentido mais amplo – vivenciado (praticado ou fruído), no “tempo disponível”. É fundamental como traço definidor o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade praticada ou contemplativa (MARCELLINO, 2005, p. 28).
Licere, Belo Horizonte, v.11, n.3, dez./2008

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi caracterizado como descritivo/exploratório (MARCONI e LAKATOS, 1999).

A população do estudo foi constituída por crianças na faixa etária de 9 a 12 anos, de ambos os sexos, matriculadas na rede municipal de Ensino de Campo Grande – MS. A amostra foi composta por 169 escolares matriculados em uma escola da região central, sendo 96 meninas e 73 meninos.

A técnica de investigação utilizada foi aplicação de questionário diretamente aos indivíduos, utilizando como instrumento o questionário EVIA, proposto por Sobral (1992) e validado à realidade brasileira por Torres e Gaya (1997).

No tratamento dos dados recorreu-se à estatística de análise de freqüência.

RESULTADOS e DISCUSSÃO

Quanto à autonomia dada pelos pais para realização das brincadeiras, os resultados mostram que a maioria das crianças recebe instrução para limitar suas atividades à área de casa/quintal (38,46%).

Quadro 1 – Limite geográfico determinado pelos pais para o jogo/brincar infantil

	Meninas	Meninos	Total
Apenas em casa	9,4	6,8	8,28
Em casa ou no quintal	41,7	34,2	38,46
Rua/limite do quarteirão	15,6	27,4	20,71
Rua/limite do bairro	14,6	16,4	15,38
Onde quiserem	18,8	15,1	17,15

Em estudo realizado com 127 crianças de Santa Maria – RS, Berleze e Haeffner (2002) constataram dados similares aos do presente estudo, no sentido de que a maioria das crianças avaliadas também citaram a casa/pátio – região central – classe média (80%), região periférica – classe média (88,64%) e região periférica – classe baixa (97,92%) – como limite geográfico determinado pelos pais da maioria das crianças para o brincar. Todavia, observa-se que nesses estudos os percentuais de limitação foram bem superiores aos identificados na presente investigação.

Em que pese o fato de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, ser uma cidade com ruas largas, com vários bairros e sem nenhuma favela, a constatação de que a casa/quintal é o lugar onde o maior percentual de pais permite a seus filhos brincarem pode estar relacionada à preocupação dos mesmos com os índices de violência, criminalidade e perigo das ruas (acidentes de trânsito) que vem assolando a sociedade nos últimos anos, uma vez que, com frequência, circulam pelos noticiários jornalísticos locais e/ou nacional o aumento do número de agressões em locais públicos, à utilização de espaços – praças e similares - como ponto de venda drogas, entre outros.

Em estudo desenvolvido com 93 escolares da 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental de Coronel Fabriciano – MG, Rodrigues, Pessoa e Silva (2007) constataram que a idade dos filhos, o temor por assaltos, molestações por adultos e ritmo do tráfego de veículos automotores eram os principais motivos pelos quais os pais não permitiam a seus filhos andarem sozinhos. O mesmo estudo indicou que a idade, a falta de locais adequados para serem ocupados por crianças, os índices de criminalidade e o excesso de trânsito nas ruas eram os principais fatores que limitavam o brincar fora da residência.

De acordo com Silva (2006), além de os poucos espaços existentes em volta das casas (quintais) terem sido pouco a pouco extintos em razão da valorização dos terrenos, o brincar nos escassos locais públicos existentes estão sendo cada vez mais reduzidos em razão dos altos índices de violência, trazendo com isso grandes implicações à ocupação do tempo infantil.

..., a violência e a falta de segurança são apontadas como fatores que impedem a escolha do lazer das pessoas, contribuindo para que fiquem reféns de suas próprias residências, aumentando o já elevadíssimo número de indivíduos que tem na casa o seu principal equipamento de lazer (MARCELLINO, BARBOSA e MARIANO, 2006, p. 60).

Procurando afastá-las do perigo das ruas, os pais as limitam ao espaço da casa ou apartamento, onde passam a formar um público cativo à televisão, que além dos desenhos animados, de discutível qualidade, quase nada lhes dirige especificamente, levando em conta suas características enquanto faixa etária (MARCELLINO, 2003b, p. 52).

Ainda há de se considerar a localização da escola onde a investigação foi realizada – região central de Campo Grande. Geralmente essas escolas atendem com mais frequência indivíduos residentes próximos à escola e, nesse caso, na região central de Campo Grande, as ruas são destinadas e ocupadas basicamente por veículos automotores, aspecto que dificulta, limita e até mesmo impossibilita a utilização desse espaço para a realização de atividades de lazer, a exemplo do que ocorre em outras grandes cidades.

De acordo com os resultados de estudos realizados pelo Denatran em capitais brasileiras, Campo Grande – MS em 2005 foi classificada como a 11ª capital com a maior frota de veículos automotores (259.495), figurando como a 3ª com os maiores índices de “vítimas de acidente de trânsito por cada 100.000 habitantes (739,2 vítimas)”, ficando atrás apenas de Goiânia (1.993) e Macapá (786,8). E, ainda, apresenta o 5º

maior índice de “vítimas de acidentes de trânsito por cada 10.000 veículos”, valor inferior somente aos encontrados em Macapá (577,2) , Goiânia (407,7), Rio Branco (303,4) e Porto Velho (261,70) – (DENATRAN, 2005).

Percebe-se que locais como as ruas, que antes eram habitadas pelo jogo infantil, passaram a ser ocupados exclusivamente por veículos automotores (DE GÁSPARI e SCHWARTZ, 2002), principalmente nos grandes centros, fazendo com que essas deixassem de figurar como ponto de encontro para o bate papo e local privilegiado para a ocorrência do lúdico, para agir como trajeto, local destinado apenas ao trânsito de veículos (MAGNANI, 1998), o mesmo ocorrendo com as praças, locais de acesso, de passagem (MARCELLINO, 2003b). Nas palavras de Pires (2006), a rua “... se tornou na contemporaneidade um não lugar, passou a ser espaço por onde a sociedade passa e não frequenta mais, onde impera a violência e a intolerância, impedindo o homem de ser feliz e ter prazer” (p. 65).

Dessa forma, um bem público, o espaço urbano, passa a figurar enquanto bem econômico, uma mercadoria, inviabilizando a construção de equipamentos públicos de lazer (MARCELLINO, 2003a) e, por conseguinte, minimizando as oportunidades para as relações de convivência social, trazendo com isso grandes implicações à cultura infantil.

A importância do ambiente para as relações sociais é relatada por Vygotsky (1994), quando expõe que o processo de desenvolvimento humano ocorre do social para o individual. Nesse sentido, o autor enfatiza ser o ambiente propício para o desenvolvimento potencial (pessoa/ambiente). Isso se dá devido a esses locais serem convidativos e estimulantes para as crianças criarem seus próprios jogos, sendo as regras estabelecidas por um consenso ou líder e não por adultos ou federações.

A respeito das contribuições dos jogos espontâneos para as inter-relações sociais, Burgos, Krebs e Koehler (2001), em estudo realizado em Santa Cruz do Sul - RS, valendo-se da teoria Bioecológica proposta por Bronfenbrenner, constataram que em todas as atividades observadas ocorreram *diada*⁵ de atividade conjunta (reciprocidade, equilíbrio de poder e relação afetiva). “Na *diada* de atividade conjunta, os participantes percebiam a si próprios como integrantes do jogo, realizavam algo em comum (jogo), mesmo que cada um desempenhasse tarefas diferenciadas (diferentes funções no jogo)” (BURGOS, KREBS e KOEHLER, 2001, p. 98).

As ocasiões de reuniões infantis para o jogo e brincadeiras coletivas são de suma importância para que ocorra aprendizagem sobre a vida em grupo (MARCELLINO, 2001), pois as experiências vivenciadas na infância, possibilitam à criança selecionar, modificar e criar percepções e representações a respeito daquilo que a rodeia (MALHO, 2004).

A importância do espaço para as relações sociais, onde a criança pode atuar enquanto produtora cultural é relatada por Fernandes (1979). Referindo-se a estudo desenvolvido junto às crianças do Bom Retiro, São Paulo, o autor destaca o papel fundamental das ruas, calçadas, campos, terrenos baldios, quintais, entre outros, no desenvolvimento da criança enquanto produtora de sua própria cultura, pois por trás das reuniões para o jogo existia um rico processo de aprendizagem, aprendizagem essa que possibilitava às crianças construir sua própria cultura. O autor defende que a produção cultural pela própria criança torna-se possível graças ao amplo convívio social

⁵ Termo atribuído às relações sociais existentes entre duas pessoas, seja quando participam de algo juntas ou quando uma apenas observa atentamente a outra. Para aprofundamento sobre esse assunto consultar Bronfenbrenner (1995).

desencadeado nas trocinhas⁶, quando o mestre da criança é ela própria, e mesmo os modelos sendo tomados emprestados da vida adulta, a aprendizagem passa de criança para criança, possibilitando a elas serem agentes e árbitros daquilo que é certo ou errado, que deve ou não ser feito, tendo a oportunidade de agir como criadoras de sua própria cultura.

Segundo Rechia (2006), as crianças nos momentos de brincadeira em tempo/espacos diversificados (rua, praça, casa) se mostram criativas, inventivas e autônomas do seu próprio brincar. E, ainda, que esses momentos contribuem para as relações sociais, as construções e conflitos coletivos, essenciais à formação humana.

CONCLUSÃO

Os resultados apontam restrições geográficas para a realização do jogo em parte da amostra avaliada, fazendo com que o local com maior percentual de autorização dos pais para os filhos brincarem autonomamente seja a casa/quintal. Embora nenhuma relação causa/efeito possa ser verificada, há indícios de que as limitações observadas podem estar relacionadas à região da amostra (região central), ao papel que a sociedade contemporânea tem atribuído à rua (trajeto) e aos inúmeros acidentes de trânsito observados em Campo Grande, destacando, entre eles, o atropelamento de pedestre, ciclistas e motociclistas.

Dessa forma, torna-se importante desenvolver outros estudos sobre esta problemática, envolvendo crianças das sete regiões da capital, a fim de melhor entender os efeitos da localização geográfica da moradia sobre a autonomia infantil para o jogo,

⁶ Grupo de crianças que se reúnem para realizarem brincadeiras, criando seus próprios jogos e regras. Expressão usada por Florestan Fernandes para referir-se ao grupo de crianças que se reuniam no bairro do Bom Retiro, São Paulo.
Licere, Belo Horizonte, v.11, n.3, dez./2008

assim como a análise da existência de bens culturais tais como praças, quadras, campos, áreas verdes, parques, entre outros, próximos as residências.

Todavia, isso não impede que algumas considerações a respeito da melhoria e ampliação das possibilidades de jogos infantis sejam construídas, mesmo diante dos perigos que rondam as ruas, limitando a mobilidade, principalmente na infância, bem como as possibilidades de convívio social e produção cultural pela criança.

Assim, entendemos que:

- ✓ Locais aglutinadores de pessoas, tais como a escola, sejam utilizados para momentos de lazer, seja nos momentos de entrada, recreio, saída, finais de semana ou feriados, devendo, para isso, as autoridades políticas, professores e pais estarem atentos à importância e necessidade de a criança agir autonomamente enquanto ser social, sendo o brincar um poderoso meio para que isso ocorra. A ampliação das possibilidades de vivência do lazer no âmbito escolar pode ocorrer por intermédio da disponibilização de gibitecas, bibliotecas, brinquedotecas, festivais de desenho, musicais, olimpíadas de conhecimentos gerais e específicos, visitas a localidades municipais, assim como pela democratização do acesso a esses locais/atividades, atuando desta forma enquanto fomentadora da iniciação aos outros interesses culturais do lazer⁷.

⁷ De acordo com Dumazedier (1980), o lazer pode ser vivenciado sob cinco interesses culturais – físico/esportivo (compreendido pela prática de exercícios físicos e esportivos, assim como pelas atividades relacionadas à cultura física, tanto pela participação quanto pela assistência do espetáculo das atividades relacionadas à cultura física), intelectual (atividades com as quais se busca contato com o real ou um conhecimento objetivo, representado pelo domínio do real sobre o imaginário, físico e social), artístico (evidenciado pela predominância do imaginário sobre o real, buscando-se o contato com o fictício, com o estético, com o belo), manual (caracterizado por atividades de ordem e necessidades psicológicas, realizada através de manipulação e consertos de objetos, pela criação ou transformação de matérias) e social (representado pela necessidade de filiação a um grupo, concretizando-se pelas relações inter-pessoais e pela busca do contato face a face). Camargo (1986) propõe a inclusão de um sexto interesse cultural do lazer – o turístico (busca pelo contato com paisagens, mudança de ritmo e estilo de vida, alterando a rotina cotidiana).

Todavia, deve se atentar para o fato de que essas atividades não sejam apenas consumidas, mas sim dialogadas, refletidas e promotoras de um duplo processo educativo, devendo, portanto, mudanças físicas e administrativas ocorrerem na escola em relação à importância do lazer enquanto momento privilegiado para que o lúdico ocorra. É importante também que a comunidade escolar seja ouvida sobre seus anseios e necessidades, pois isso pode tornar essas medidas mais eficientes.

- ✓ A Educação Física - através da estruturação de suas aulas em forma de ensino por resoluções de problemas (MOSTONN e ASHWORTH, 1990) e com o professor atuando enquanto mediador do conhecimento, poderá dar grandes contribuições para a formação cultural, crítica e autônoma do indivíduo. Entretanto, para que isso ocorra, o educador deve estar atento à necessidade e importância de os alunos serem estimulados para a resolução dos problemas, sejam eles oriundos do jogo ou provocados pelo professor.

Todavia, as considerações sugeridas não se limitam a essas, devendo estratégias de prevenção e intervenção serem pensadas, debatidas e construídas no coletivo, envolvendo políticos, arquitetos, profissionais ligados aos diversos interesses culturais do lazer, pois...

A cidade não é minha...

Não é sua...

Não é dele...

É nossa!!!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. V. **Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 200 p.

BERLEZE, Adriana; HAEFFNER, Leris Saete Bonfanti. Rotina de atividades infantis de crianças obesas nos contextos familiar e escolar. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 2, p. 99-110, 2002.

BRONFENBRENNER, Urie. The Bioecological Model from a Life Course Perspective: reflections of a participant observer. In: MOEN, Phyllis; ELDER, Glen H.; LÚSCHER, Kurt (Eds). **Examining Lives in Context: perspectives on the ecology of human development**, Washington,DC: American Psychological Association. p.599-649, 1995.

BURGOS, M. S.; KREBS, R. J.; KOEHLER, J. O jogo espontâneo em contextos informais interpretado pela teoria dos sistemas ecológicos. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 2, p. 75-109, 2001.

CAMARGO, L. O. de L. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARLOS NETO. Aprendizagem, desenvolvimento e jogo de actividade física. In: GUEDES, M. da G. S. (Org.). **Aprendizagem motora: problemas e contextos**. Lisboa: MH, 2001. p. 78-96.

DE GÁSPARI, J. C.; SCHWARTZ, G. M. O capital humano: investindo nas ações do brincar. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 2, p. 7-20, 2002.

DENATRAN. Evolução da frota de veículos, segundo as Grandes Regiões, Unidades da Federação e Municípios das Capitais - 1990 a 2003. Disponível em: <http://www2.cidades.gov.br/renaest/detalheNoticia.do?noticia.codigo=113>>. Acesso em: 10 set. 2008.

DUMAZEDIER, Jofre. **Valores e conteúdos do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

FERNANDES, F. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979. 512 p.

FERREIRA NETO, C. A. **Motricidade e jogo na infância**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001. 194 p.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. 166 p.

MALHO, Maria João. A criança e a cidade. Independência de mobilidade e representação sobre o espaço urbano. In: Congresso Português de Sociologia - Sociedades Contemporâneas - Reflexividade e Acção, 5, 2004, Braga. **Actas...** Braga: Universidade do Minho, 2004. p. 49-56.

- MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2003a. 83 p.
- _____.; BARBOSA, F. S.; MARIANO, S. H. As cidades e o acesso aos espaços e equipamentos de lazer. **Impulso**, Piracicaba, v. 17, n. 44, p. 55-66, 2006.
- _____. **Lazer e Educação**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2003b. 164 p.
- _____. **Estudos do lazer: uma introdução**. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 2002. 100 p.
- _____. O lazer e o espaço urbano - possibilidades para a educação. In: ENAREL - Encontro Nacional de recreação e Lazer, 13, 2001, Natal. **Anais...** Natal: SESI, 2001. p. 96-99.
- _____. **Pedagogia da Animação**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005.
- MOSTON, M.; ASHWORTH, S. **The Spectrum of teaching styles**. New York: Longman, 1990. 146 p.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipótese e variáveis, metodologia jurídica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 252 p.
- PIRES, A. G. M. G. A. A rua como lugar de formação da cidadania, prazer e felicidade. In: CARVALHO, João Eloir. **Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias**. Curitiba: Champagnat, 2006. p. 63-69.
- RECHIA, S. O jogo do espaço e o espaço do jogo em escolas da cidade de Curitiba. **Ver. Bras. Cienc. Esporte**, v. 27, n. 2, p. 91-104, 2006.
- RODRIGUES, A. B. Lazer e espaço na cidade pós-industrial. **Licere**, Belo Horizonte, v. 5, n 1, p. 149-164, 2002.
- RODRIGUES, F. M. G.; PESSOA, V. M.; SILVA, S. M. Verificação no nível de independência de mobilidade de crianças. **Movimentum – Revista Digital de Educação Física**, Ipatinga, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2007.
- SANTOS, M. C. et al. Desenvolvimento Infantil: uma visão multidisciplinar. In: GUEDES, G. et al. **Desenvolvimento Infantil**. Lisboa: Santelmo, Coop. Artes Gráficas, 2001. p. 47-53.
- SILVA, Junior Vagner Pereira da. **Crescimento, habilidades motoras básicas e cotidiano infantil de crianças de Campo Grande - MS**. 2006. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdades de Ciências da Saúde -. Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.
- SOBRAL, F. O estilo de vida e a actividade física habitual. In: SOBRAL, F.; MARQUES, A. T. **FACDEX: Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa**. Lisboa: Ministério da Educação, 1992.

TORRES, L.; GAYA, A. C. Hábitos de vida de uma escola da rede municipal de Porto Alegre. **Perfil**, v. 24, n. 1, p. 24-37, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 191 p.

Endereço do Autor:

Junior Vagner Pereira da Silva
Av. Afonso Pena, 1980 – Apto 31
Campo Grande – MS
CEP: 79002-071
Endereço Eletrônico: jr_lazer@yahoo.com.br